

O Jornal como Espaço para Debates de Ideias através da Polêmica Literária no Final do Século XIX¹

Ana Paula de Jesus

Carla Luana Santos de Souza

Luzileide de Jesus Santos e Santos

Nadia de Jesus Santos²

Paulo de Assis de Almeida Guerreiro³

Resumo

O presente texto observa o surgimento da polêmica enquanto espécie de produção literária no final do século XIX, fato que possibilitou o cenário literário brasileiro ser marcado por diversos conflitos entre intelectuais da época. A polêmica, dessa forma, se configurou como uma forma de propagação de ideias e levantamento de questionamentos sobre diversos temas que chamavam a atenção do público leitor. Tendo como ponto de partida a carta, a polêmica posteriormente era explicitada pelo seu principal veículo de divulgação, o jornal. Nota-se então, que a linguagem polemista no jornal aproximou a sociedade da literatura, uma vez que a mesma até então, era predominantemente elitista.

Palavras-chave: *Polêmica, Literatura, Jornal, Linguagem, Sociedade.*

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho consiste na análise das polêmicas literárias surgidas no final do século XIX como uma espécie de produção literária, na qual eram veiculadas ideias e questionamentos de intelectuais da época, com divulgação através do jornal e que se tornaram instrumentos que possibilitaram a aproximação entre a sociedade e a literatura.

Segundo o dicionário Houaiss (HOUAISS, 2001: 2248), o termo polêmica significa discussão, disputa em torno de questão que suscita muitas divergências, controvérsia, debates de ideias. O significado da polêmica da qual trataremos não se distancia da

¹ Artigo resultante da pesquisa realizada para o Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB- Campus V).

² Graduandas do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus V).

³ Professor Doutor do curso de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus V). Orientador desta pesquisa.

definição dicionarizada, pois as polêmicas do século XIX se configuravam a partir de debates de erudição, defesas de honra, em que o polemista procurava demonstrar sua superioridade diante do oponente.

Nas polêmicas literárias eram discutidos assuntos como o conhecimento de línguas estrangeiras, a doutrina eclesiástica, minúcias gramaticais e até mesmo o gênero do substantivo *arquitrave*, além de ocorrer ameaças e até mesmo troca de ofensas entre os polemistas. A linguagem da luta constituía uma parte do discurso da polêmica, na qual eram valorizados predicados como a “valentia” e a “coragem”, que formavam uma espécie de código de honra que exigia uma réplica para reparação direta das ofensas. Mas, é válido ressaltar que a erudição também permeava os escritos dos literatos do período e que havia também um público que acompanhava fielmente as polêmicas.

AS POLÊMICAS LITERÁRIAS E A ABL

As polêmicas literárias não foram bem vistas pela Academia Brasileira de Letras, ainda que algumas fossem protagonizadas por seus membros, a exemplo de José Veríssimo. Dessa forma, o questionamento realizado pelos membros da ABL baseava-se na dúvida sobre a polêmica ser ou não um gênero literário.

Uma vez que a Academia nasceu em 1897 com a finalidade que hoje alguns chamariam pejorativamente de elitista, com o objetivo de eleger e fornecer status aos homens de letras no Brasil, muitos membros da ABL acreditavam que a instituição perderia o prestígio perante os intelectuais da época por causa das polêmicas literárias, isto porque os motivos que levavam os polemistas ao debate eram considerados, muitas vezes, como insignificantes.

Nota-se que havia uma disputa não assumida entre os intelectuais elitistas e os intelectuais polemistas, uma vez que na intenção de garantir o seu lugar na intelectualidade brasileira os elitistas se agrupavam em *coteries* popularmente denominadas de “igrejinhas”, onde se posicionavam elogiando seus amigos e enaltecendo-os no mais alto grau, enquanto os demais, os polemistas eram vistos como ignorantes não merecedores de qualquer prestígio.

Em relação às *coteries*, o principal polemista da época, Sílvio Romero, que também foi crítico, ensaísta, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira, salientou que:

Se algum merecimento me pode caber como crítico e historiador literário é ter sido sempre o defensor constante dos talentos provincianos contra a estreiteza de espírito revelada pelos criticalhos do Rio, no menosprezo sistemático que tem por norma contra todos os que não fazem parte da panelinha do elogio mútuo, em que se dessoram a si próprios e fazem moer quantos lhes são adversos, nomeadamente os bons escritores provincianos. (ROMERO, *apud* PEREIRA, 2007)

Assim, ao se realizar uma análise sobre a vida literária no final do século XIX é possível perceber que houve um modelo de escrita polêmico, ou seja, a polêmica nesse período constituiu-se como uma característica estruturante da produção intelectual, apresentando uma linguagem mais acessível à sociedade da época, tendo como seu veículo de publicação o jornal.

A IMPRENSA DO BRASIL NO SÉCULO XIX

A inserção das letras impressas no Brasil ocorreu somente a partir de 1808 com a chegada da Família Real ao país, por causa da necessidade da divulgação dos atos do governo, assim como notícias a favor da Coroa e suas origens, pois do período colonial até 1808 as letras impressas eram proibidas no Brasil, porque os portugueses temiam o ingresso de novidades no país, como ideias revolucionárias.

No período em que o Brasil conheceu uma onda de cultura e progresso provocado pela presença da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, surgiu em 1º de Junho de 1808 o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense* (considerado como um jornal não oficial), fundado por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça.

O primeiro jornal impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, pois o *Correio Braziliense* possuía o tamanho e a forma de um livro. Na *Gazeta do Rio de Janeiro* eram publicadas notícias referentes à Família Real e notícias internacionais, como ressalta Lustosa “[...] era uma espécie de folha oficial onde se publicavam os decretos e os fatos relacionados com a família real. Publicava também um noticiário internacional [...]”. (LUSTOSA, 2004: 20).

Ao longo dos anos, surgiram outros jornais como: o Conciliador do Reino Unido, O Amigo do Rei e da Nação, O Bem da Ordem, O Espelho, Despertador Braziliense, A Malagueta, dentre outros.

Com a independência do Brasil, a imprensa passou por um período no qual ocorreram muitos tumultos e conflitos, sendo que até mesmo jornalistas sofreram agressões. Posteriormente, D. Pedro I dissolveu a Assembleia Constituinte, fato que conferiu força a imprensa brasileira.

Com a proclamação da República no final da década de 1880, o Rio de Janeiro se consolidou como centro político, comercial e financeiro do Brasil. Com o aumento do número de habitantes e a politização das camadas urbanas, houve uma expansão da imprensa, fato que proporcionou a diversificação das opções de trabalho intelectual, para os homens de letras que encontravam oportunidades no ensino, na política ou no jornalismo. Dessa forma, com o aumento do público leitor de jornais e revistas, a partir de 1880 as polêmicas literárias tiveram ressonância.

Assim, além do jornal se estabelecer como um poderoso meio de divulgação de notícias, foi através dele que também inúmeros intelectuais expressaram suas ideias no final do século XIX, como afirma Romero:

O jornalismo tem sido o animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira [...]. É no jornal que tem todos estreado os seus talentos; nele é que tem todos polido a linguagem, apreendido a arte da palavra escrita. (ROMERO, *apud* PEREIRA, 2007.)

Tendo o jornal como divulgador, a carta também exerceu um papel preponderante no contexto das polêmicas, pois a mesma se tornou uma modalidade discursiva no contexto histórico da comunicação de massa. A carta que antes possuía a finalidade de comunicação privada passou a ocupar um espaço no jornal, que permitia a intervenção pública, trazendo posicionamentos e opiniões em áreas diversificadas que fervilhavam as polêmicas, como a Política e a Literatura.

Observa-se que a finalidade das cartas estava além da troca de notícias entre pessoas, pois através delas o jornal se instituiu como meio favorável na afirmação da subjetividade, no debate de ideias e troca de opiniões, além de provocar uma acentuada alteração nos hábitos de leitura do público leitor da sociedade da época, pois a escrita das cartas era mais livre, tornando possível a aproximação da linguagem expressa nas mesmas com o público, ainda que este não pertencesse ao mundo dos literatos. Sendo assim, a carta tornou-se um instrumento de transposição de fronteiras do mundo da literatura, instituindo-se também como prática informativa.

A RELAÇÃO DO PÚBLICO COM AS POLÊMICAS

Os polemistas visavam sempre às reações do público e a recepção do debate com o objetivo de atingir a comunicação com o leitor. Assim, o suposto “inimigo” se tornava uma espécie de intermediário de um meio comunicativo entre o polemista e o seu público. Do

mesmo modo que os romancistas divulgavam seus livros, através dos jornais os polemistas utilizavam a imprensa como um meio de divulgação para seus nomes e ideias, como afirma Ventura:

Como os romancistas, que publicavam seus livros como capítulos de folhetim nos jornais e revistas, os críticos recorrem às polêmicas na imprensa, de modo a ampliar a circulação de suas ideias e divulgar seu nome, criando renome. (VENTURA, 1991: 148)

Por sua vez, os leitores das polêmicas possuíam a função de “árbitros” na disputa, pois o polemista ora debatia com seu adversário, ora se dirigia ao público, com o objetivo de conquistar a sua simpatia através do emprego de uma linguagem que tinha o intuito de persuadi-lo, como na polêmica em que Sílvio Romero insulta Luís Delfino e logo após se dirige ao leitor:

Sr. Delfino, vós sois prodigiosamente estrambólico [...]. Vê bem o meu leitor que tenho razão quando afirmo que o homem não passa de um funâmbulo arrumador de palavras a esmo. (ROMERO, 1888 *apud* VENTURA, 1991: 148).

SÍLVIO ROMERO E SUAS POLÊMICAS

As polêmicas de Sílvio Romero que foi considerado o mais constante dos polemistas nacionais, eram marcadas por suas motivações pessoais, assim, o polemista por vezes elogiou, por exemplo, Tobias Barreto e criticou severamente autores consagrados, como Castro Alves ou Machado de Assis. Inspirado nos folhetos de cordel nos quais se publicavam desafios entre repentistas, Romero começou a escrever suas polêmicas, imitando as suas características, com o objetivo de ironizar os adversários e provocá-los ao debate.

Como escritor, Sílvio Romero, buscou métodos mais eficazes para análise crítica e apreciação do texto literário. Mostrava-se intenso quando imprimia sua brasilidade em tudo o que escrevia além de contribuir consideravelmente à historiografia literária brasileira.

No que diz respeito à imprensa brasileira, Sílvio Romero se tornou literariamente poderoso, uma vez que apresentou uma atuação jornalística significativa e seus escritos polêmicos chamavam a atenção do público leitor que acompanhava-os através dos jornais.

Como foi citado anteriormente, por admirar excessivamente Tobias Barreto, por vezes, Romero subestimou a obra de Machado de Assis. Romero acusou Machado de Assis, que na época era o presidente da ABL, de participar das *coteries* fazendo críticas ao

referente autor, fato que levou Lafayette Rodrigues Pereira a defender Machado, entrando no embate intelectual com o polemista.

A polêmica de Sílvio Romero com a obra de Machado de Assis, que posteriormente foi defendido por Lafayette Rodrigues, possuiu como pivô uma crítica feita por Machado a Romero, devido ao lançamento dos seus “Cantos do fim do século”, em 1878. Dessa forma, extremamente ofendido e irredutível, o polemista lançou ao público o que pensava sobre Machado:

[...] Esse pequeno representante do pensamento retórico e velho no Brasil é hoje o mais pernicioso enganador que, vai pervertendo a mocidade. Essa sereia matreira deve ser abandonada. (ROMERO, 1879 *apud* BUENO, 2005: 368.)

Para tanto, em defesa da obra machadiana Lafayette indagou:

[...] Machado de Assis é um dos ídolos consagrados em vida ao nosso beatério letrado. Em parte merece-o ele, mas só em parte, e a pequena redução que se deve fazer em seu culto é exatamente o que este livro se destina a provar, e tenta-o asseadamente, honestamente, sem preocupações nem rancores. E o digno escritor desmerecerá em sentar em seu verdadeiro posto na história intelectual da nossa pátria [...]. (LAFAYETTE 1897, *apud* BUENO, 2005: 371.)

Por causa das divergências doutrinárias, metódicas e temperamentais, Romero também discutiu violentamente com José Veríssimo, ao qual atribuiu apelidos predominantemente pejorativos como “Zé Burríssimo”, direcionando-lhe várias críticas. Dentre muito de seus argumentos Sílvio Romero salienta que:

Não costumo ler o Sr. José Veríssimo, principalmente depois de seu último concurso de história geral e do Brasil, em que se revelou duma ignorância abaixo de qualquer classificação.

Já dantes raramente o lia, por causa da chateza se suas ideias, a confusão de seu espírito, o tom rebarbativo de seu estilo, a irritante pretensiosidade de seu dogmatismo, disfarçado entre conjugações e advérbios contraditórios.

Desde que aportou no Rio de Janeiro, percebi logo, a despeito de alguns fingidos agrados da sua parte, que ia contar com um terrível inimigo a mais. (ROMERO, 1909 *apud* BUENO, 2005: 524.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada podemos perceber como foi intenso o embate entre os polemistas da época, e como a linguagem utilizada nas polêmicas (ainda que por vezes fosse apresentada de forma bastante erudita), permitiu que se estabelecesse uma

comunicação com o leitor, pois o mesmo acompanhava fielmente os debates entre os polemistas.

A polêmica literária do final do século XIX possibilitou uma nova concepção de literatura mais democrática, pois como já foi mencionado, devido a repercussão dessa nova modalidade de escrita, que somente o jornal propiciava, a sociedade da época passou a conhecer por meio da polêmica um modelo de linguagem que atraiu a atenção dos mais variados tipos de leitores, possibilitando, dessa forma, uma “deselitização” da literatura.

É válido ressaltar também, que o debate de ideias através da polêmica só foi possível porque a sociedade brasileira do final do século XIX já possuía uma maturidade que, além disso, demonstrava o grau de democracia em que se encontrava, visto que, quanto mais polêmicas uma sociedade permitir, mais esta se constitui como democrática.

Referências Bibliográficas

BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George. *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil, 1850-1950*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. (Descobrimo o Brasil).

PEREIRA, Milena da Silveira. *A polêmica no final dos oitocentos brasileiro*. <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao20/materia01/>. Acessado em: 07/01/2010.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.